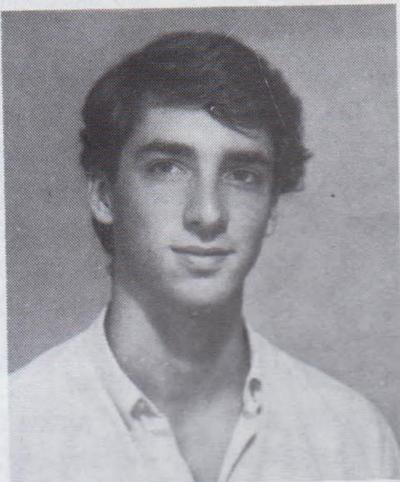


Crises alimentares e outras

António Pedro Graça



Pela configuração geográfica e mistura inarrável dos genes da sua gente, o Algarve sempre soube inflectir os rumos da desventura. Em tempos de crise os Algarvios mais a sua originalidade contrariaram sucessivamente a decadência quinhentista, a peste e a fome seiscentista, a inquisição de setecentos. Para isso recorreram aos seus atributos inatos: Primeiro, uma certa ousadia marginal, própria de quem se sente à parte, separado do país por uma cordilheira inóspita à qual se seguia uma charneca despovoada. Reino dentro do reino, o do Algarve D'Aquém-mar. Em segundo, uma grande diversidade, nascida do individualismo meridional e da própria constituição geológica do terreno, em faixas paralelas, diversas, desde a serra xistenta do carbónico até ao litoral, mais o calcário do barrocal, mais o sienito de Monchique... enfim, muito mais do que a simplista e recente distinção entre Sotavento e Barlavento. Por fim, um grande espírito de tolerância e abertura ao exterior, próprios de quem tinha o Mediterrâneo, símbolo de convivências e afectos múltiplos, às portas de casa.

Assim foi possível quebrar o estrangulamento fiscal e o degredo a que durante muito tempo o poder da Coroa nos obrigou. Assim apareceu a burguesia mercantil algarvia. Assim se estabeleceu a mais antiga e densa rede urbana do país. Assim nasceram os comércios paralelos com os judeus de Gibraltar, com o norte de África, com o eixo Sevilha - Cadiz, com as Índias. Assim se toleraram cristãos e muçulmanos durante tanto tempo.

O esvaziamento progressivo do Império e das nossas relações com o Sul veio alterar a vida dos nossos mercadores. As pilhagens na costa e nos mares, a inquisição e a entrada maciça de estrangeiros nas nossas rotas comerciais desferiram, talvez, um golpe demasiado duro nestes homens empreendedores e de espírito aberto. Virámos as costas ao exterior e, como já tinha acontecido anteriormente, ressurgiu uma realidade rural, castrenha de ideias e ousadia. Esta sociedade não deixou porém o Algarve ficar mal. Com uma agricultura diversificada, permitiu aos locais sobreviver à fome e à doença. A actividade

piscatória fechava o círculo alimentar.

Quando faltava o trigo e o pão, apareciam os figos à mesa. A alfarroba essa também se roía. Quando não havia porco e as galinhas escasseavam era a sardinha salgada a eleita para colmatar restrições proteicas, especialmente no interior. Em Sagres eram os perceves, o que deixava os viajantes estrangeiros estupefactos. No Guadiana era o sável a dar uma ajuda às populações ribeirinhas. Assim se foi evitando o pior e nos bons anos até se exportavam alguns bens agrícolas. Paradoxalmente o preço a pagar foi grande.

Os séc. XVII e XVIII viram desaparecer progressivamente mercados e homens cultos e os anteriores ciclos económicos esbateram-se para ver emergir uma sociedade rural pouco letrada (em 1772 existiam no Algarve 19 Mestres e professores contra 109 no Alentejo ou 216 nas Beiras), fragmentada por pequenas parcelas, entretida em lutas intestinas por posses e sucessões microterritoriais, fechada sobre os seus códigos de honra, mas que dificilmente se uniria para enfrentar desafios como os da revolução industrial. Um empurrão externo mais a nossa vocação marítima ainda fazem despertar a indústria da cortiça e das conservas, mas esta sociedade sobrevivente, cristalizada, cedo engoliria os seus pequenos focos industriais.

Até que surge a década de 60. E se desde então a agricultura e a pesca têm lutado em condições desiguais para sobreviver ao turismo, o golpe final poderá ser dado pelos acordos comunitários e do GATT. Impedido de dialogar directamente com os vizinhos Andaluces e do norte de África, impedido de trocar bens e pessoas com os vizinhos mais a sul (relembro a tradição olhanense em Moçamedes, Porto

Alexandre e noutros locais piscatórios de Angola), reduzindo a sua frota pesqueira e permitindo a quase livre circulação de embarcações estrangeiras, produzindo cada vez menos produtos agrícolas e reconvertendo a sua produção tradicional, o Algarve arrisca-se a transformar-se num Vale do Ave mais a sul, dependente não do têxtil mas do turismo quase em exclusividade.

A história, um senhor chamado Porter e toda uma série de imprudências desde a Costa do Sol espanhola até ao Báltico obriga-nos a reflectir. E embora se tente apagar este passado (veja-se o actual estado dos museus etnográficos regionais), é fácil verificar que o Algarve sobreviveu enquanto foi diverso e plural. Prosperou quando foi aberto e ousado. Será futuro se não hipotecar os seus vínculos à terra e ao mar. Se mantiver abertos à população jovem a ligação à agricultura, aos produtos agrícolas tradicionais e inovadores. Por uma questão económica e estratégica. Por uma questão de consciência histórica, de saúde pública, de preservação paisagística e ambiental. Será futuro se mantiver aberto à população jovem a sua ligação ao mar, às actividades piscatórias e de recreio. Por tudo.

Mas para que a pesca, a agricultura, as indústrias inovadoras não poluentes, as fontes energéticas limpas... sejam realmente alternativa (cito de propósito quatro das orientações estratégicas do plano de desenvolvimento Andaluz) será necessário a tal ousadia meridional para nos reconhecerem como individualidade política e administrativa bem definida e periférica, ousando criar canais de comunicação próprios com Bruxelas e com o resto do mundo. Será também necessária a ousadia intelectual para se compreender que turismo, actividade agrícola e piscatória podem beneficiar-se mutuamente, desde que existam interlocutores preparados para tal.

Afinal, a crise só existirá se o grosso da massa cinzenta regional, afastada há muito do poder pelo clientelismo e subserviência partidária, continuar a não se ouvir. Se o Partido Algarve continuar a perder eleições.

Até breve